

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PRÉ-ESCOLA: PALAVRA E AÇÃO.
NECESSIDADE, POSSIBILIDADE OU
DIREITO DA INFANCIA ?

MONOGRAFIA APRESENTADA COMO
REQUISITO PARCIAL PARA
CONCLUSÃO DO CURSO DE
"ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR" - 1991.

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ALUNA: MARIA CRISTINA CAVALEIRO.



Lucas, Rafael, Bruno:

Crianças crescendo
Acompanho - de longe
espero - esperança de perto:
que vocês não renunciem
às nuvens (viagens fantásticas)
às pipas (susto do fio que rompe)
Brigas (discordâncias necessárias
acordos nem sempre possíveis)
Beijos e abraços (permitam-se,
ousem e cultivem)

Momento de lembrar e agradecer:

João: Amigo, orientador: ver os limites, sentir as possibilidades ... não ter medo de se expor, seguramente, fragilmente, prazerosamente.

Silvana: - "Procure resolver no papel, as coisas que são possíveis de serem resolvidas nele. O resto você tem que dar conta na vida" Foi mais ou menos assim, e eu estou tentando.

Inês, Raquel, Dorly, Dóris, Açucena, Marilena, Silmara: divergindo, concordando, mudando... sempre a possibilidade de trocas.

Marlene, Mara: entre a ida e a volta - nossas viagens para a Unicamp - com certeza este trabalho contém alguns pedaços, descobri com vocês - e em vocês - também, a possibilidade de pensar junto.

Elenir: amiga, se dispôs também ao trabalho final e importante. A arte e a paciência, não com o microcomputador mas comigo, e com as minhas ansiosas mudanças de última hora.

Maria: tem feito muito para entender as coisas e eu admiro. Coisas de mãe, coisas de filha.

I N D I C E

Palavras Iniciais.....	05
Introdução.....	07
Capítulos:	
I - Os sofrimentos da infância no Brasil da ordem e do progresso.....	08
II - Pré-escola: que espaço é esse.....	11
III - A origem da Pré-escola pública no Município de Santo André.....	13
IV - A Reconstituição de uma proposta Educativa na Pré-escola Pública: Alguns caminhos do Município de Santo André.....	16
Conclusão... ou algumas inquietações finais.....	19
Bibliografia.....	21

PALAVRAS INICIAIS... OU... UM POUCO DA HISTÓRIA DE COMO CHEGUEI A ESTE TEMA:

..." é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar luz a uma estrela dançante." (Nietzsche, "Assim falou Zaratustra," p.34)

Talvez tenha começado a me inclinar sobre este tema respondendo ao caos que trazia e sentia dentro de mim.

A isto, chamei inicialmente de conflito, mas sentia mesmo como um embaralhamento de questões que embolavam a cabeça e as vísceras.

E paulatinamente, o incômodo foi se tornando possibilidade, caminho.

É difícil discutir algumas questões em Educação Física, com alguns professores de Educação Física, enfim o "mundo" da Educação Física é difícil, assim como deve ser o "mundo" da Matemática, da Educação Artística, da Física, da Química, etc...

O difícil deste mundo que é inteiro, é entendê-lo dentro das "caixas de saber" que tentamos colocá-lo, pulverizando o conhecimento em áreas que queremos ver estanques. Quem sabe, para que assim também não vejamos como cresce a nossa ignorância especializada.

Mas, seguindo no caminho do caos tenho aprendido também que o que não se sabe e nos faz falta, podemos buscar e isto produz algo novo, em nós mesmos e naquilo que se busca. É uma troca que pressupõe transformações.

Trabalhando em Santo André - cidade próspera e contraditória, tal qual toda cidade que cresce neste País, tendo as ruas e os cantos ocupados por asfalto, fumaça e fome - junto à Prefeitura Municipal, tive diversos contatos com professores - professores de Educação Física, professores de Pré-escola.

E o mundo que me ficou mais próximo e possível de conseguir "trocar alguma coisa" - conhecimentos, alegrias, dúvidas, tristezas - foi o da pré-escola.

No mundo da Educação Física, que inicialmente percorri durante alguns meses de trabalho também consegui trocas, mas achei meio estranho... estranhava realmente as cobranças de eficácia, eficiência, racionalidade, produtividade.

A sutilidade das cobranças de um sistema social que sustenta uma estrutura injusta e desumana estava posta à minha frente. O mito da "eficácia, produtividade e racionalidade."

Eficiência para mim, à época, foi juntar as minhas coisas, a minha força de trabalho e, racionalmente, tentar produzir algo em outro lugar, que não lesasse com alguns princípios que incluíam também a felicidade, o prazer, a subjetividade...enfim, algumas destas questões que, felizmente, as pessoas ainda não conseguiram transformar em estatística. Os números não traduzem, portanto, a lógica-positivista não aprisiona.

Foi assim que, de certa maneira, me aproximei da rede de ensino pré-escolar do Município de Santo André.

E se todo encontro produz coisas novas, foi percorrendo este caminho que dei conta que tinha coisas a conhecer.

Buscando o novo, não pela novidade mas pela essência, pela possibilidade de aprender e re-aprender, discutir e perceber que não se esgota, tenho aprendido que conhecer é em muitos momentos, desmascarar e desmascarar-me, e a todo tempo me comprometo.

INTRODUÇÃO:

Neste trabalho falarei de crianças e do espaço institucional a que algumas delas têm acesso - a pré-escola.

Optei por elaborar uma pesquisa bibliográfica acerca do tema, e pude encontrar muitos livros que discutem, propõem, indicam caminhos.

No primeiro capítulo, minha preocupação foi buscar alguns sinais de que a nossa infância é maltratada, não por cenas que compõem um destino trágico da humanidade, mas por reflexos de nossa estrutura sócio-econômica. São os reflexos de nossa forma capitalista de produção, fundamentada na exploração.

No segundo capítulo, faço uma breve recuperação histórica da pré-escola no contexto educacional brasileiro, o que me fez refletir que o atendimento à criança pré-escolar - aquela que efetivamente tem acesso à instituição - processa-se de forma desorganizada evidenciando, como nos aponta Redin, "um descompromisso da cultura oficial dominante com a história da própria criança. Ela é vista a partir do padrão adulto burguês, capitalista, produtivo, idealista, paternalista e assistencialista." (1)

A partir do terceiro capítulo, procurei delimitar a revisão sobre um pouco da história da pré-escola no Município de Santo André.

E finalmente, no quarto capítulo, detenho-me na proposta educacional que vem sendo implementada neste Município, refletindo também sobre quais os caminhos que podemos propor para que o mundo das crianças seja, possivelmente, repleto de "coisas de criança", que chora, que ri, briga, abraça, infinitamente misturado a brincadeiras, gestos, aprendizagem e vida - vivida, saboreada, sentida.

Referências Bibliográficas:

- 1 - REDIN, E. Atendimento à Criança Pequena no Brasil. in: Idéias, A Pré-Escola e a Criança hoje. SP, F.D.E., 1988.

Capítulo I

OS SOFRIMENTOS DA INFANCIA NO BRASIL DA ORDEM E DO PROGRESSO:

"Oh, mundo tão desigual
Tudo é tão desigual
de um lado este carnaval
de outro a fome total."
(Paralamas do Sucesso,
em "A Novidade")

Criança neste País, sofre de diversas maneiras: algumas porque não podem sair às ruas que estão perigosas - o perigo do trânsito, de assalto, da poluição, do sequestro, do desconhecido e outros perigos que sempre lembramo-lhes -, outras porque só têm na rua a condição da sobrevivência e convivem cotidianamente com os perigos que são afastados da primeira, driblando quase sempre sem muito sucesso o perigo e a presença da fome.

A dor do crescimento numa sociedade estratificada - miserabilizada e pauperizada para uns e oportunizada, enriquecida para outros - faz com que sofram todas as crianças.

Nossa ordem - social - conduz a um processo que desnuda sua violência de forma peculiar: aos poucos vamos incorporando-a em nosso cotidiano de tal maneira que não nos espantamos mais com as notícias de assassinatos, brutalidade, fome, espancamentos, etc, e assim, por exemplo, a infância nânica que se produz no Nordeste, onde uma em cada cem crianças sofre de desnutrição grave, talvez chegue até nossos olhos como um filme que não devemos assistir.

Fechamos nossos olhos, sem atentarmos para o fato de que somos todos co-produtores nestas cenas concretas de miséria e violência humanas.

Passividade, complacência, acomodação.

"Nós nos esquecemos: vemos, ouvimos, lemos e esquecemos. Nossa memória, defensivamente, perde sua capacidade de reter fatos que nos incomodam. temos que nos defender da angústia, mas não a ponto de negá-la assim." (2)

Vamos nos tornando cúmplices de uma infância que vemos crescer sem garantias de sobrevivência, de afetividade, de calor humano, de bem-estar.

Tal qual nos aponta, incisivamente, Redin (3),” pressuposto fundamental para a criança brasileira é garantir-lhe um espaço significativo no projeto político global deste País. Até agora a criança não passa de um incidente, malcontrolado e pouco valorizado (...). A Sociedade de Proteção aos Animais já garantiu para o cão àquilo que o Brasil não garante para seus filhos: A vida, a sobrevivência e a proibição de maus-tratos.”

Assim, podemos compreender que se devemos - no sentido do que falta garantir, e no sentido do compromisso de responder - às crianças brasileiras o direito à vida, “a vida é, por condicionamento da espécie humana, um fato pedagógico: ela educa ou deseduca (...). O grande fator pedagógico da vida humana é a própria vida. Os grandes fatores pedagógicos por ordem de importância, não são os fatores escolares e pré-escolares. São os fatores ligados a forma como os homens se organizam historicamente para garantir sua sobrevivência”. (4)

Fosse-nos, hoje, possível garantir escolas e pré-escolas, a todas as crianças, - e isto é um dado fictício, eu diria que concretamente “surrealista” - ainda assim não teríamos respondido às nossas lacunas com a infância neste País.

Somos regidos pela forma capitalista de produção, o que orienta nossa sociedade a sobrepujar leis que impõem a exploração, submetendo-nos à dominação e a discriminação, onde cada qual no seu duplo papel - ora dominando, ora dominador, ora discriminado ora discriminando - corre sofregamente à busca da produtividade à qualquer custo.

Fossemos todos produtores de parafusos, tenho a impressão de que correríamos tanto que conseguiríamos realmente produzir a mais em número de parafusos... e seriam estes parafusos excedentes que prenderiam nossas mãos, nossos pés, nossa cabeça, presenteados para um sistema que sabe muito bem a hora exata do aperto final.

Fabricamos parafusos a mais, mas não temos tempo para a criança em casa, portanto, pela exigência excessiva de ocupação, que ocorre dentro de algumas classes sociais, mandamos às crianças à escola muito cedo.

Para que sejam felizes e, talvez, mais esmerados fabricantes de parafusos, exigimo-lhes a “precocidade intelectual”.

Se não podemos fabricar parafusos - somos desempregados por exemplo - a nossa classe social nos reserva outras atribuições, e temos que sair à busca destas, contando e dividindo muitas vezes com a própria criança a composição da renda familiar.

Arrancamos as crianças, tanto num caso como no outro, da infância.

Crianças que são obrigadas a responder a exigências excessivas - escola, curso de línguas, judô, natação -, e tudo mais que puder preencher-lhes o tempo que seria para o convívio familiar, o tempo de brincar na rua, de arrumar e desarrumar colegas e brigas.

Crianças que cuidam de crianças, que não podem ser filhos, num contexto onde as miseráveis condições sócio-econômicas, obrigam-nas a cumprirem o papel de pai, de mãe, respondendo pelos cuidados do lugar onde moram, dos irmãos, arrancadas também do tempo que seria para o convívio familiar, de brincar na rua, de arrumar e desarrumar colegas e brigas...

O sofrimento da nossa infância - talvez aquela que já sofremos e/ou aquela que vemos sofrer - é fato concreto. Ouvimos fatos e a infância vive uma luta desigual.

A criança não tem espaço para voz - óbvio nem para voto - e sofre calada às expensas de que um dia nós - adultos, cidadãos - sujeitos cansados ou massacrados de fabricar parafusos e mais, optemos pela possibilidade de soltarmos nossa mãos, cabeças e pés e assim, soltos, desafiemos a nossa própria cumplicidade exigindo de nós mesmos um compromisso histórico, social e humano com as crianças, pois no dizer de Bernard Charlot (5) "crescer difere socialmente de uma outra criança, e o que determina a condição deste crescimento é a condição social concreta".

Referências Bibliográficas:

- 1 - DAMERGIAN, Sueli. Entre a Vida e a Morte: A violência contra a infância nos grandes centros urbanos. in: Steiner, M.H.F. org. Quando a criança não tem vez - violência e desamor. S.P., Pioneira, 1986.
- 2 - REDIN, E. Pré-escola, para quê ? in: A pré-escola e a criança, hoje. Idéias. S.P.F.D.E., 1988.
- 3 - IBID.
- 4 - CHARLOT, B. Mistificação Pedagógica. Realidades Sociais e Processos Ideológicos na Teoria da Educação. RJ, Edit. Guanabara, 1984.

Capítulo II

PRÉ-ESCOLA: QUE ESPAÇO É ESSE ?

Recuperando brevemente a história da pré-escola no contexto educacional brasileiro, podemos perceber que a Educação Infantil sempre esteve pautada na discriminação das crianças e na negação da fase pré-escolar como aprendizado.

Kramer (1), nos aponta que "inicialmente, as crianças das classes dominadas tinham à sua disposição um atendimento médico e sanitário, em seguida foi também assistencial e, atualmente, além da assistência médico-sanitária-nutricional e da social, o atendimento inclui, ainda, o plano educacional".

Não se reconhece assim que a precariedade de que se revestem as condições de saúde, assistência e educação neste País, é resultado da situação político-econômico-estrutural em que está fundamentada nossa sociedade (capitalista), buscando-se na escola a resolução para os problemas das crianças.

Inverte-se, portanto, uma relação que é fundamental para que se ofereça à criança um espaço significativo no projeto político global do país, "a situação da infância é apontada como causa, e se divulga a idéia de que através do seu atendimento será promovida a mudança social." (2)

O problema é encontrado na família (que é desagregada, mal-resolvida), na criança (que é mal alimentada, tem q.i. baixo e vermes) e nunca se diz de uma sociedade, que dividida em classes sociais, possibilita e concretiza para algumas crianças, pertencentes a uma determinada classe social, muito precariamente um espaço afetivo, sentimental, junto a sua família, pouca alimentação, baixos salários, poucas moradias, nenhuma condição de saneamento básico e muita verminose.

"Na pré-escola implantada no Brasil, de uma forma geral, há uma dupla imposição: adestrar a criança para o desempenho na escola e realizar a educação compensatória na qual existe a visão estereotipada e preconceituosa da criança proveniente das classes subalternas, onde as possibilidades de aprendizagem dessas crianças são sistematicamente subestimadas." (3)

Ainda que se pese a inconsistência verificada no atendimento às crianças da pré-escola (ela não é um fato possível para todas as crianças brasileiras) têm sido elaborados trabalhos, pesquisas, debates que referendam a esta uma "função pedagógica", que tome a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida, a fim de ampliá-los, proporcionando para isso atividades que tenham significado concreto para a vida das crianças e favorecendo a aquisição de novos conhecimentos.

Tomar a realidade da criança, significa também entre outros, garantir na pré-escola o espaço para a fala, o agir, o expressar da classe social que esta criança se insere.

As crianças não são iguais socialmente, e assim, tratá-las por "igualdades naturais", significa reproduzir em larga escala uma desigualdade, camuflando e impedindo o reconhecimento destes desníveis - sociais e não naturais - para agir no sentido de suplantá-los.

Neste sentido, a educação pré-escolar" não tem o papel de evitar, por antecipação, os problemas da escola de 1º grau, mas ao favorecer o desenvolvimento infantil e a ampliação e aquisição de novos conhecimentos, referentes ao mundo físico e social da criança", (4) pode conferir contribuição relevante à própria escola de 1º grau.

Referências Bibliográficas:

- 1 - Kramer, S. A política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce. Rio de Janeiro. Dois Pontos, 1987.
- 2 - IBID.
- 3 - REDIN, Euclides. Atendimento à criança pré-escolar no Brasil. in: Idéias: a pré-escola e a criança hoje. F.D.E., 1988.
- 4 - Kramer, S. op. cit.

Capítulo III

A ORIGEM DA PRÉ-ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ:

Em Santo André, a rede pública pré-escolar teve sua origem em 1968, com a construção de 02 salas, mas por volta do final da década de 70, houve uma grande ampliação da oferta de vagas, período esse que significou um maior número de construção de prédios para este fim. (1)

Neste sentido, não difere muito do que esboçava na época no cenário nacional, com os Municípios reconhecendo a sua responsabilidade em relação à educação da criança pequena.

Mas vejamos o que na verdade estava subjacente a esta tendência generalizada, com Municípios abarcando "solicitadamente" esta responsabilidade:

A proposta pedagógica implantada

Desde o final da década de 70, e em toda a década de 80, a concepção adotada era a de pré-escola compensatória e preparatória, visando, portanto, a solução para "futuras distorções" do sistema educacional, como a evasão e a repetência.

As atividades desenvolvidas privilegiavam o treino de habilidades, principalmente daquelas consideradas facilitadoras dos pré-requisitos "fundamentais" para o 1º grau (escreveu não leu, o pau comeu!)

Educação compensatória: para que e para quem?

A Educação compensatória teve origem nos E.U.A., década de sessenta e visava a compensar as deficiências do ambiente familiar das crianças oriundas das classes desprivilegiadas (filhos de negros, imigrantes, etc.)

Chega até nós por volta da década de 70, sem ao menos levar em conta as reestruturações por que passou no local de sua origem, isto é, implanta-se aqui, com dez anos de atraso o que nos E.U.A. já não servia mais.

Mais uma vez, tudo o que não dá certo lá fora, pode se ajustar a nossos princípios, principalmente em se tratando de uma época em que veiculava-se a mensagem da educação como um meio capaz de promover o desenvolvimento e assegurar um mínimo de poder aquisitivo ao povo. Mas, as escolas de 1º grau produziam elevadas taxas de evasão e repetência.

A tecnologia educacional implementava-se, firmando o mito da eficiência do ensino, calcado na racionalização (do trabalho escolar), através de estudos minuciosos (planificação) que visavam a produtividade do ensino (futuros trabalhadores eficientes, corpos adestrados e harmoniosamente integrados na sociedade de consumo).

Surge no cenário, paralelo ao "Pra frente, Brasil!," o mito da criança carente.

As crianças fracassavam na escola de 1º grau, e não se questionava a estrutura sócio-econômica vigente, nem o modelo pedagógico implantado (tecnicismo). A culpa era da criança, o sistema gerencial, tecnológico impunha progressos e produtividades que estas crianças - as "evadidas", as "repetentes" - não eram capazes de acompanhar.

Tornava-se necessário agir sobre estas crianças antes de seu ingresso no 1º grau, para "ceifá-las" da carência, da deficiência (ou ainda, incutir-lhes desde mais cedo, a culpa pelo fracasso).

Centrada no bojo de sua proposta nos aspectos técnicos - coordenação motora, percepção visual, auditiva -, a pré-escola preparatória proporcionará, na verdade, que as crianças sejam "analfabetos potenciais, uma vez que se lhes priva de uma leitura e escrita inseridas significativamente em suas vidas, capaz de serem utilizadas de forma inteligente e produtiva." (2)

Além de contribuir para o empobrecimento no processo de alfabetização, um dos maiores "ganhos" da educação compensatória, é o produzir corpos submissos, adestrados, sincronizados a um tempo de execução de tarefas que lhes impõe marcas do controle, fazendo com que as crianças aprendam pelo corpo, desde cedo, as grandes lições de submissão.

Criança só anda na linha ou...

"O corpo que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber um certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar." (3)

A coordenação motora, mais especificamente a coordenação visomotora é muito enfatizada "nos exercícios que preparam", e que são largamente utilizados na busca dos pré-requisitos, ditos indispensáveis à "habilidade de escrever".

Neste sentido Arns, (4) coloca-nos, muito significativamente, que esta "preparação", travestida nos exercícios propostos às crianças se resumem em atividades que em muito se assemelham àquelas utilizadas para adestrar animais circenses.

Preconizando na verdade "um fazer destituído de sabor e saber"... propomos (e obrigamos) que as crianças andem sobre linhas demarcadas no chão, pois a isto chamamos de desenvolvimento da coordenação global, "abrir e fechar os dedos" (repetidamente, mecanicamente), para "melhorar a habilidade manual".

Creio que a criança quando chega a pré-escola sabe andar na linha e sobre inúmeras outras linhas que o faz-de-conta, o mundo da fantasia, possa lhe sugerir, a sua mão se abre e fecha, para tocar, para agredir, para comer, e seus braços se encolhem no medo, se expandem no abraço.

E estes são movimentos da vida, que refletem a vida.

Mas até onde as escolas e as pré-escolas têm espaço para a vida?

"Não ignoro que para aprender a escrever a criança necessita de habilidade manual. Porém, para que a mão adquiria maior habilidade, destreza, flexibilidade, não há necessidade de recorrer a procedimentos que destituam a mão de sua inteligência, se sua sensibilidade, de seu calor humano, de sua curiosidade exploratória, de seu fazer criativo..., que se separe a mão do corpo, e ambos da vida". (5)

Referências Bibliográficas:

- 1 - DOCUMENTO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO Fundamentos Teóricos da Proposta, P.M.S.A., 1990.
- 2 - SILVA, W.A.da. Cala - Boca não morreu: A Linguagem na pré-escola. Petrópolis. Ed. Vozes, 1986.
- 3 - FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Petrópolis - Ed. Vozes, 1977.
- 4 - SILVA, W.A. Da. op. cit.
- 5 - IBID.

Capítulo IV

- A RECONSTITUIÇÃO DE UMA PROPOSTA EDUCACIONAL NA PRÉ-ESCOLA PÚBLICA: ALGUNS CAMINHOS DO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ:

A proposta político-pedagógica que vem sendo discutida e implementada na rede pré-escolar do Município de Santo André atendendo crianças de 4 a 6 anos - expressa sua opção metodológica cujo enfoque é a teoria construtivista-interacionista.

Isto significa explicitar principalmente que a pré-escola tem uma função pedagógica e que se acredita na possibilidade das crianças se desenvolverem, valorizando-se as suas manifestações, suas potencialidades de expressão (verbais e não-verbais), organizando-se, para que isso realmente aconteça, um trabalho pedagógico sistemático.

Neste ponto considero fundamental a contribuição que a Educação Física pode vir a ter no trabalho com crianças pré-escolares. Mas para isso é necessário,

Repensar a Educação Física:

A expectativa da sociedade, e em especial, da escola é baixa (quase nenhuma) em relação à Educação Física.

Temos por vezes, a nítida impressão que o mundo da escola passa muito bem sem a Educação Física.

Ela é vista frequentemente, como agente de "instrução física", cujos objetivos são pautados no rendimento), adquirir habilidades motoras (treinos de habilidades), formar atletas (performance), disciplinar (regras de conduta) e até mesmo como uma forma de gastar energia que sobra às crianças.

Tais exemplos marcaram nossas vidas: a Educação Física que cursamos um dia, rígida, limitadora, que nos colocava "marchando para o quartel" e fazendo com que tivéssemos realmente "cabeças de papel". As nossas práticas na escola, constituíam-se em atividades desligadas das outras áreas do conhecimento, fazendo com que não percebessemos na Educação Física importância para a nossa formação.

Passamos hoje, por tentativas inúmeras de mudarmos essa Educação Física, que "dormiu no tempo" ora aconchegada pelos embalos do militarismo, ora atraída pelas justificativas behavioristas, produzindo vários estímulos e respostas pré-determinadas em busca de um ensino homogêneo, como se seres humanos fossem feitos em séries, robotizados e desprovidos de intenção.

Em busca de uma ação da Educação Física na Pré-escola.

A Escola e a brincadeira

"Não creio que a Educação Física e o jogo sejam a única solução para os problemas pedagógicos, mas diante das características da criança na primeira infância, não há porque não valorizá-los. Se o contexto for significativo para a criança, o jogo, como qualquer outro recurso pedagógico, tem, consequências importantes no seu desenvolvimento." (1)

Como encontrar a medida certa entre a imobilidade e a movimentação corporal?

Esta é uma dúvida que incomoda (ou deveria) todo o sistema escolar, e não somente a pré-escola.

Qual o professor que não observa a alegria do pátio na hora do recreio das crianças e que atento, pode perceber quantas e tantas brincadeiras?

Quantos escorregões, equilíbrios, abraços, brigas, beijos, quanta tristeza e quanta alegria ficam contidos quando "toca" o sinal?

Poderíamos prosseguir juntando mais e mais interrogações que são cotidianamente explicitadas na vida da escola (e da pré-escola) e poderíamos adicionar a estas, "propostas de atividades educativas que são sérias, que requerem uma certa imobilidade e que enfim não podem ser desconsideradas ou negadas." (2)

mas qual seria o ponto de equilíbrio, e qual o enfoque destas atividades "sérias" no mundo das crianças ?

A seriedade deste mundo é ditada, na maioria das vezes, pelas lentes de visão do adulto.

Somos nós, adultos que, inseridos no "mundo sério" do trabalho, dos contratos, das cláusulas, dos ganhos e das perdas, da "força da grana", determinamos para as crianças a divisão entre o riso e o choro, o trabalho e o não-trabalho, a aula e o recreio, o pátio e a sala, o sério e o não-sério.

Miopia grave a nossa, que teima em não ver a seriedade que eram nossas brincadeiras de faz-de-conta, do balanço-caixão, mão-na-mula e mãe-da-lata. E do pega-pega ?

Como será que a gente resolvia quem ia ser o "pegador", quando tinha muita gente querendo ?

Ah ! Às vezes, uma das formas para resolver era com o pom-po-nea (e com certeza, estávamos estabelecendo uma série de noções lógico-matemáticas em meio a risadas, gritos e abraços). Quem ficava por último, era o "pegador", que só podia pegar um por vez e íamos trocando os papéis até que todo mundo se cansasse (ou fosse "pego").

Saía briga, sim ! Tinha uns que não "relavam" e gritavam "pego", mas a brincadeira era séria e resolvíamos na hora para poder continuar.

Nada ficava para depois, o amanhã era repleto de outras brincadeiras, de novas brigas, de novos risos.

Coisas de criança; coisas de gente que um dia foi criança !

E a escola ? Que espaços têm para viver e conviver, aprender e re-aprender, criar e re-criar com as brincadeiras das crianças ?

"Não se trata, neste trabalho, de querer negar tudo o que se faz em pré-escolas. Trata-se de negar o exagero da imobilidade, que a escola continue com suas atividades educativas consequentes, mesmo aquelas ditas "sérias"; Que aborreçam a criança, desde que não tomem todo o tempo do brinquedo. Há que se encontrar a medida certa entre a movimentação corporal e a imobilidade, entre o sério e o lúdico, entre o prazer e a obrigação rotineira." (3)

Referências Bibliográficas:

- 1 - FREIRE, J.B. Educação de Corpo Inteiro. SP. Ed. Scipione, 1989.
- 2 - IBID.
- 3 - IBID.

Conclusão ... ou algumas inquietações finais.

A prioridade da criança, a prioridade da pré-escola, presentes nos discursos governamentais em suas diferentes instâncias - escamoteiam e camuflam a realidade.

Presenciamos, isto sim, um total descompromisso com as prioridades sociais - e como tais as crianças - no momento da efetivação das políticas públicas - federal, estaduais e municipais.

Se quisermos realmente buscar outros caminhos para a infância que vemos sofrer - de falta de escolas, de fome, de violência, de ausência de afeto - temos que desmascarar e enxergar nossa sociedade guiada pela exploração, incorporada na ganância, calcada na produtividade a qualquer custo.

Para daí percebermos o que fica: o desinteresse com sujeitos que ainda não produzem lucros, que a carência não é marca natural que se inscreve em uns e não em outros, e que o abandono não é "destino traçado" para algumas crianças, e não para outras, mas que é no bojo de uma sociedade injusta e desumana que estas desigualdades são produzidas.

E é neste contexto - histórico-social- que devemos também analisar a pré-escola e propor nossos caminhos que indiquem uma educação de qualidade, uma vez que, como Kramer (1) muito bem nos coloca "(...) o acesso à educação pré-escolar (entendida como vagas em creches e pré-escolas) é direito dos cidadãos e cidadãs de zero a 06 anos, de todas as classes sociais, e que é, portanto, dever do Estado, garantí-la, com a quantidade e qualidade necessárias para que a educação possa verdadeiramente ser adjetivada como democrática".

Penso também que a conquista de uma educação de qualidade (aliada à conquista de uma vida de qualidade !) remeta-nos necessariamente à discussão de suas funções. Afinal, qual a função da pré-escola ?

Acho que as crianças deveriam exigir das escolas - e em todos os níveis - o compromisso com a vida.

A vida que se dispõe a conhecer e para isso percorre o caminho da ação sobre as coisas, a manipulação dos objetos, dos corpos e que vai se ampliando com as palavras numa verbalização que não seja mecânica, destituída de intenção, mas que as crianças falem pelo nariz, pela boca: que não parem de falar com o corpo !

É uma provocação final, para mim e para outros educadores que como eu tratam de lidar com a Educação Física no seu dia-a-dia.

Será que a Educação Física pode ter alguma coisa à ver com isso ?

Ora, podemos pensar que diante das possibilidades (e necessidades) de sua transformação, a Educação Física possa dar espaço à fala vivida com o corpo da criança.

Conhecendo e respeitando a criança como criança e assim, quem sabe, propondo às pré-escolas juntos - Educação Física, Educação Artística, Ciências Sociais, Ciências Naturais, etc - outros caminhos de aprendizagem, que não elejam como "coisas importantes" somente aquelas que introduzam as crianças - e rapidamente - no mundo do lápis e do papel.

Quando a Educação Física percorrer o caminho que favoreça o conhecimento da infância humana - social, cultural e concreta - e assim também se aproxime um pouco (ou muito) mais das brincadeiras, do mundo infantil, com certeza estará também contribuindo para que as escolas não esqueçam que a mão que escreve pode (e precisa) ter a possibilidade do gesto inesperado - do susto, do abraço, do tapa e do afago - pois o mundo que se vive não cabe na folha de papel, e portanto, não pode ser reduzido somente a esta.

Acho que as crianças não fazem estas exigências quando vão à pré-escola, nem seus pais. Afinal, criança (ainda) é pouco consultada e os pais ficam felizes somente com a possibilidade da vaga, mas será que não vamos conseguir ousar ?

Referências Bibliográficas:

- 1 - KRAHER, S. A Pré-Escola como Direito Social. In: Idéias, A pré-Escola e a Criança hoje. SP, F.D.E. 1988.

BIBLIOGRAFIA

- CHARLOT, B. A Mistificação Pedagógica, Realidades Sociais e Processos Ideológicos Na Teoria da Educação -RJ, Edit. Guanabara, 1986.
- DAMERCIAN, Sueli. Entre a vida e a morte: A violência contra a infância nos Grandes Centros Urbanos. in: Steiner, M.H.F. - org. Quando a criança não tem vez - violência e desamor. SP, Pioneira, 1986.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, "Fundamentos Teóricos da proposta" (documento) P.M.S.A., 1990.
- , "Passando as Emeis à Limpo (documento)". PMSA, 1989.
- , "Princípios Norteadores (documento), Serviço de Pré-escolas - Equipe Técnica, PMSA, 1990.
- FOULCAULT, M. Vigiar e Punir, Petrópolis, Ed. Vozes, 1977.
- FREIRE, J.B. Educação de Corpo Inteiro SP. Ed. Scipione, 1989.
- KRAMER, S. A política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce. Rio de Janeiro. Dois Pontos, 1987.
- NIETZSCHE, W.F. Assim falou Zarathustra, SP, Círculo do Livro.
- PATTO, M.H.S. A criança, a família e o professor. In. CELIA, Salvador et alii, A criança e o adolescente da década de 80, P. Alegre, Artes Médicas, 1983.
- REDIN, E. Pré-escola, para quê ? In: A pré-escola e a criança hoje. Idéias. SP. F.d.E., 1988.
- , - Atendimento à criança pré-escolar no Brasil. In: A pré-escola e a criança hoje. SP. F.D.E., 1988.
- SILVA, W.A.da. Cala a Boca não morreu: a linguagem na pré-escola. Petrópolis. Ed. Vozes, 1986.
- SOUZA, Solange J. e Kramer, S. Educação ou Tutela ? A criança de 0 a 6 anos. São Paulo. Ed. Loyola, 1988.